

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

EDICLÉIA PARESI

CONFECÇÃO DO *KÕHO*: ARTESANATO DO POVO PARESI

**Barra do Bugres
2016**

EDICLÉIA PARESI

CONFECÇÃO DO *KÕHO*: ARTESANATO DO POVO PARESI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Mônica Cidele da Cruz

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

P228c PARESI, Edicléia.

Confecção do *Kôho*: artesanato do Povo *Parasi* / Edicléia Paresi. – Barra do Bugres, 2016.

35 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz.

1. Artesanato *Parasi*. 2. *Kohô*. 3. Confecção. I. Cruz, M. C. da, Dra. II. Título. III. Título: artesanato do Povo *Parasi*.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

EDICLÉIA PARESI

CONFECÇÃO DO *KÕHO*: ARTESANATO DO POVO PARESI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Línguas, Artes e Literatura.

Barra do Bugres, 28 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Mônica Cidele da Cruz
Professora Orientadora

Prof.^a Esp. Nilce Zonozokemairo (Membro)
Professora Avaliadora

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Estevão Kenazokãe, Isabel kenazokero e meu irmão Abrão Arrezokemae ajudar a coleta da pesquisa ele também foi o meu motorista, também minhas amigas, que muito me apoiaram nos momentos que mais precisei para superar este desafio.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço ao nosso Deus *Enorê*, por transmitir a verdadeira energia cósmica que nos fortalece para superarmos todas as aflições que surgem em nossas vidas.

Primeiramente agradeço ao cacique geral João Arrezomãe da aldeia Kamãe pelos momentos de trabalho e por me transmitir os conhecimentos, ao contar a história do mito. A sua contribuição foi fundamental para alcançar a grandeza deste trabalho.

Agradeço ao ancião Dito Nizokãe, que me contou a história do mito de origem dos artesanatos.

Agradeço ao ancião Joãozinho Akonozokãe que me mostra a confecção de artesanato

Agradeço, também, Helena Ezokero por me contar a história do mito do Kohõ, ela sabe fazer baquete com incrível habilidade.

Agradeço aos professores das escolas Zozoitêro e Malamalali por me apoiar e dedicar durante esse tempo.

Por fim, deixo os meus sinceros agradecimentos às pessoas que contribuíram de forma direta e indiretamente para a finalização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho registra o processo de confecção e usos do *kohõ*, um cesto conhecido como xiri, bastante usado pelas mulheres Haliti-Paresi. Para nós, Haliti-Paresi é importante fazer e retomar a história do mito do *kohõ* e aprender a confecção deste objeto, porque os jovens não praticam mais como era antes e a maioria das pessoas não conhece as regras de confecção dele e o material utilizado para fazê-lo. Por isso, escolhi este tema e procurei os anciões que sabiam confeccionar este artesanato e contar o seu mito, os senhores João Arrezomãe, Dito Anizokãe e Helena Ezokero. Para coleta de dados, fiz gravação das entrevistas, escrevi na língua materna e depois transcrevi na língua portuguesa. Além das entrevistas com os anciões, pesquisei outros materiais que tratavam sobre o tema e o mito de origem do povo Paresi, entre outras informações. Este trabalho também irá valorizar a nossa identidade, nossa cultura e deixará este conhecimento para as futuras gerações.

Palavras-chave: Artesanato Paresi. *Kohõ*. Confecção

RESUMO NA LÍNGUA PARESI EHEKOREZE

Hetati atyo kawaiyaka hoka matyotenehere zaneta atyo jihaliti Kaoma ka maheta, zoaneretya hoka, haliti jiyehare atyo matyotenehere tyaonita, hatyo hiyeta atyo hahotyalihare zakini ahekotita hatahiyakaharenae. Hoka hamakawatiniha zakaitsaha maheta. Zakore hoka kamahalotyakiterenae atyo kazomokakita, ehekore jiyehaliti tahi tyaona maheta. Hatyo hiyeta taite hahotyalita kazahekotyaka hoka jiyehaliti enaetse kazomokaka. Fetalati hiyeta atyo tyotya halitinae eye waikyohekwa tyaoniterenae nawenane kazaminitsa ejiyeharenae, ezaotyakidyaho, ejihatyoawiharenae, ewaikohera, efehanane haliti jiyehare harenae. Hatyo zema atyo waikyoarenae kinyatere hatahiyakaharenae idyaye maheta,. Zaotyakitsatiyenae, kanokwahalitinae, zoimyanae harenae ahekotyaha wawenane tahiyakare. Maihya kamaotyanetya maheta wijiye hare, Hatyo hiyeta atyoite kinyatere wawenane tyaonehena, hatyo hiyetaite kazaminitsakere wijiye hare Tyaonehena watxikinitarenana maihya kamaotyanetya maheta.

Idyaeti matxoholatyakala: Zaotyakitsati tahi, haliti jiyeharenae. Omati. Haliti nawenane

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Artesanato Haliti-Paresí	19
Figura 2 –	<i>Kohõ</i>	22
Figura 3 –	Urubamba.....	23
Figura 4 –	Caule de negrimina e barbante.....	23
Figura 5 –	Selecionando o material para confecção do <i>kohõ</i>	24
Figura 6 –	Retirando a casca de talo de cipó de Urubamba	25
Figura 7 –	Iniciação do <i>kohõ</i>	25
Figura 8 –	Iniciando o trançado	26
Figura 9 –	Dando forma ao <i>kohõ</i>	26
Figura 10 –	Finalizando o <i>kohõ</i>	27
Figura 11 –	Uso do <i>kohõ</i> para carregar massa de mandioca	27
Figura 12 –	Uso do <i>kohõ</i> para carregar alimentos	28
Figura 13 –	Preparando a pescaria de timbó	28
Figura 14 –	Uso do <i>kohõ</i> na pescaria do timbó	29
Figura 15 –	<i>Kohõ</i> utilizado na coleta de Cajuzinho e Fruta de Buriti	30

SUMÁRIO

A ORIGEM DO POVO HALITI PARESI	10
INTRODUÇÃO	12
CAPITULO I – SOBRE O POVO PARESI.....	13
1.1 População e localização	14
1.2 Organização Social	14
1.3 Aspectos Culturais (festa, cantos, rituais).....	16
1.4 Situação linguística do povo Haliti-Paresí.....	17
CAPÍTULO II – ARTESANATO PARESI.....	19
2.1 Filosofia dos anciões Paresi sobre artesanato	20
2.2 O canto do <i>kohõ</i>	22
2.3 Matéria-prima utilizada para confecção do <i>kohõ</i>	23
2.4 A confecção do <i>kohõ</i>	24
2.5 Os usos do <i>kohõ</i>	27
2.5.1 Na pescaria do timbó	28
2.5.2 Na coleta de frutos silvestres	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	32
CONSULTORES NATIVOS.....	32
ANEXOS	33
ANEXO A – CARTA AO LEITOR.....	34

A ORIGEM DO POVO HALITI PARESI

Antes de a terra ser povoada pelo homem, aqui viviam três pessoas que era Enorê (Deus) e seus dois filhos que se chamavam Imyazahare e Zokozoidyo. O Deus Enorê mandou os seus filhos para buscar água no rio. De repente, ouviram um barulho horrível, sentiram medo e subiram correndo, quando chegaram na aldeia. E contaram para seu pai. Os filhos disseram:

- Pai, nos ouviram o barulho horrível embaixo da pedra. Pai deles respondeu:- não tinham ninguém morando aqui nesta terra único nos morando aqui sozinho neste mundo. Eles não acreditavam os seus filhos, pois os filhos continuam insistindo. Depois pai levar a sua borduna foi no rio para verificar ao local. Onde estava fazendo o barulho. Quando chegou no local continua fazendo muito barulho. Então pegou a sua borduna bateu a pedra, viu bastante pessoas desmaiadas no chão, ficou triste ah bons avo. Neste momento e gratidão dos meus filhos pensou desculpa. Mas alguns minutos eles acordaram bons avos. Os deu fizeram pequeno brejo para eles.

Assim que eles saíram segundo mito surgiu o povo Paresi.

Segundo o mito de origem do povo Haliti- Paresi eles saíram do mundo mítico, na brotam pelas fendas de uma ponte natural de pedra existente no rio sucuriuwina, tributário do rio Arinos, localizados no município de nova Maringá MT. Ao após eles chegarem conheceram as belezas desde mundo – os rios os animais, as matas, os cerrados, os campos, o ar, as flores, o brilho do sol da lua e das estrelas enfim de todas as coisas criadas pelo Toakayhore- Enore, Ele viviam sempre tranquila, feliz e saudável.

Segundo o grande líder mítico Chama se Wazare e irmão mais velhos, foi o primeiro a sair pela fenda e assim orientando a saída de seus irmãos Kamazo, Zakalo, Zaloya, Zaolore, Kono, Tahõe e Kamãehiye. Dessa mesma fenda saiu imuti (não índio) liderado pelo Kutikyore, seu chefe. Quando saíram, os irmãos eram “quase humanos”. Tinham ainda longos pelos negros no corpo e uma membrana entre os braços e as pernas e tem caldo. Aos se casando com um grupo de lindas irmãs, filhas do rei das árvores Atyahitsonero. Dessa união é que nasceram é o Povo Halitinãe e de cada irmão formaram um sub- Grupo- os kozarene, filhos de kamazo; kaxiniti, filhos de zaolore; os warere, filhos de kono; os káwali, filhos de Tahõe e os Waymare, filhos de dois irmãos, Zakálo e Zaloya, casados ambos com uma mesma mulher.

Wazare o grande líder mítico e kamaehiye, um homem sábio e adivinhador, não deixaram filhos retornaram para o mundo mítico através da mesma fenda, para viver e cuidar dos povos que aqui habitam junto com Toakayhore.

(Mito narrado pelo ancião João Arrezomãe, em junho de 2015)

INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, este trabalho apresenta sobre a importância do *kohõ*, *um cesto* conhecido como xiri, bastante usado pelas mulheres Haliti-Paresi. É um trabalho de grande relevância na minha vida profissional e para a minha comunidade Haliti-Paresi. O tema escolhido para esta pesquisa, juntamente com a minha comunidade, foi sobre a confecção do *kohõ*, um artesanato muito importante para nosso povo. Para nós, Haliti-Paresi é importante fazer e retomar a história do mito do *kohõ* e aprender a confecção deste objeto, porque os jovens não praticam mais como era antes e a maioria das pessoas não conhece as regras de confecção dele e o material utilizado para fazê-lo.

Por isso, escolhi este tema e procurei os anciões que sabiam confeccionar este artesanato e contar o seu mito, os senhores João Arrezomãe, Dito Anizokãe, Helena Ezokero Joãozinho Akonozokae Para coleta de dados, fiz gravação das entrevistas, escrevi na língua materna e depois transcrevi na língua portuguesa.

Além das entrevistas com os anciões, pesquisei outros materiais que tratavam sobre o tema e o mito de origem do povo Paresi, entre outras informações.

Este trabalho também irá valorizar a nossa identidade, nossa cultura e deixará este conhecimento para as futuras gerações.

.

CAPITULO I – SOBRE O POVO PARESI

Nós, Haliti-Paresi, embora lutemos para não deixar as interferências de fora ameaçar a nossa comunidade, hoje temos sim interferência nos relacionamentos de Haliti com os brancos, que vão se casando e tendo filhos mestiços. Como consequência disso, os Haliti deixam de praticar a língua materna e seus rituais sagrados. Temos aldeias hoje, onde nosso povo (de outras terras indígenas) não fala mais na língua materna, só fala na linguagem do imuti (homem branco). A terra Haliti-Paresi é dividida em nove, mas três são devolutas e seis homologadas e registrados no cartório. Essas terras haliti-paresi fazem limite com municípios são: Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis, Conquista d'Oeste e Sapezal.

Os Haliti-Paresi que estão mais próximos da cidade e com mais contato com os não índios estão perdendo mais rápido o idioma nativo. Isso vem acarretando outros valores que não fazem parte da cultura do nosso povo, como, por exemplo, a lavoura mecanizada, que vem trazendo prejuízos ambientais para nossas terras indígenas, bem como o uso da tecnologia.

Na minha aldeia não permitimos Haliti casar com não índio, tem que casar com Haliti, pois buscamos sempre praticar nossos rituais, fazendo nossa roça tradicional para nossas oferendas, e todos da comunidade falam na língua materna.

Por estarmos preocupados com a falta de valorização da cultura em outras comunidades, fundamos nossa aldeia mais retirada desses outros parentes que não querem preservar sua origem, pois uma parte do povo vive próximo da cidade e pela influência dos evangélicos que estão evangelizando a comunidade de algumas aldeias. Isso vem interferindo de uma forma negativa na vida cultural do povo, assim modificando a organização sociocultural dessas comunidades, fazendo com que as pessoas não mais valorizem a cultura, buscando cada vez mais os valores da sociedade não indígena.

Na nossa região, continuamos praticando os rituais nas aldeias, como o batizado que é um ritual obrigatório de fazer. Nele os participantes se dividem em dois grupos: os donos da festa, constituída pelos chefes dos grupos domésticos da aldeia e seus familiares que organizam e convidam todos para o ritual. São donos da festa quem tem filhos para nominar, ou fez algum tipo de promessa, ou tem a filha adolescente que está encerrando o período da reclusão.

Os donos da festa têm que fazer tudo o que os festeiros pedem, o batizado ou ritual de nomeação.

Tal ritual começa assim: vem uma pessoa para convidar todo mundo e quem é convidado sempre vem acompanhado de um dos novos que é para eles irem aprendendo, embora, muitos saibam ler e escrever em Português e Paresi. O convite é sempre oral, pois o convite por escrito não é aceito. Alguém da família dos donos da festa vai pessoalmente fazer convite, também deverá esperar e acompanhar os festeiros até chegar a festa. Hoje continua mantendo os rituais nas aldeias.

1.1 População e localização

Nosso povo pertence à família linguística Aruak e vive numa região de cerrado, no centro-oeste, município de Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis, Barra do Bugres, Nova Marilândia, Sapezal e Conquista do Oeste.

Hoje contamos com uma população de 2121 pessoas. É um povo que tem tradição de constantes deslocamentos familiares, distribui-se em várias aldeias, normalmente pouco populosas, com aproximadamente 64 aldeias. (Associação Halitinãe- Gelson Zezokwe e Associação Waimare- Gelmar Mozowai Paresi).

1.2 Organização Social

A estrutura física da aldeia é composta por duas casas comunais, designadas *hati*, e por uma casa de pequenas proporções, onde são guardadas as flautas sagradas, usadas por ocasião da realização de rituais. Nessas pequenas casas só entram os homens. As tradições culturais entre os Paresi podem ser vistas nas festas tradicionais, na produção de artesanatos, principalmente, na produção de chichas, bebida alcoólica feita a base de milho. Muitas festas ocorrem em comemoração ao advento de um rito de passagem, como o *Iamaka* que é um tipo de batismo.

Antigamente os Paresi moravam unidos numa casa, de sete a dez famílias, entre 15 e 20 pessoas moravam numa única casa. Quando construíam a casa tradicional, a comunidade toda da aldeia se juntava e todos ajudavam construir a casa, nessa época ninguém cobrava nada, pois era uma forma de união para o povo. Com o passar do tempo, começava outra forma na construção da casa, roça, festa e outros. O povo passou a cobrar pelo seu serviço e não querem mais trabalhar de graça.

Na organização Paresi, primeiro, vem o cacique geral, e o mais respeitado é o senhor Joao Arrezomãe. Em segundo lugar, vem o cacique da aldeia, liderança e a comunidade. Em terceiro vem os velhos, anciões e o pajé, porém, eram mais respeitados antigamente.

Antes os Paresi caçavam e pescavam. Quando iam caçar no mato, convidavam a comunidade para ir caçar juntos, ficavam dois dias caçando no mato do cerrado. Após a caçada chegavam na aldeia e primeiro faziam oferenda para flauta sagrada, depois era compartilhada com as pessoas. Hoje a organização social Paresi mudou muito, antes só caçavam só com arco e flecha, agora só caçam com arma de fogo, carro e moto.

Antigamente os homens faziam a caça tradicionalmente e com bastante tranquilidade, eles usavam o embaía, um escudo usado no momento da caçada no campo, para não ser visto pelos animais. Hoje não acontece mais isso, os jovens não interessam e quase não praticam mais a caça, isso preocupa muito os velhos, sempre estão falando e ensinando os detalhes e o caminho certo para manter a revitalização da tradição da caça.

Antes a roça também existia na organização social, quando se fazia uma grande roça, toda comunidade trabalhava junto. Mas tudo isso mudou também, pois as pessoas estão fazendo a roça e estão desmantando as matas. Hoje a roça é individual, a família faz a própria roça longe da aldeia.

A educação tradicional é a transmissão de conhecimentos imemoriais, ideológicos e saberes intelectuais são transmitidos oralmente, nos momentos silenciosos, de madrugada e antes de dormir, porque nesse momento é muito bom ouvir as histórias do passado e dar educação para os jovens e demais que querem entender a sociedade e o mundo. A educação tradicional é compreendida da seguinte forma: entender o mundo que vivemos, compreender a origem Paresi, surgimento do esporte tradicional, entender a questão de língua e variação linguística dos subgrupos; surgimento de alimentos, divisão territorial, a origem dos animais, povoação da terra pelos Paresi e buscar saberes sobre caça e pesca.

Os Paresi vivem em comunidade com harmonia, com respeito um ao outro, respeitando os velhos, idosos, jovens, crianças, pajés, anciões e historiadores. Portanto, nosso povo entende e conhece a árvore genealógica de suas familiaridades dentro do grupo social e nos subgrupos das aldeias diferentes.

Os subgrupos são seguintes: *Kaxiniti*, *Waymare*, *Kozarene*, *Warere*, *Kawali* os *Haliti-Paresí* estão divididos em cinco subgrupos: As divisões internas estão relacionadas a aspectos culturais, históricos e linguísticos.

Os *Waimare* e *Kaxiniti* são habitantes tradicionais da região do Rio do Sangue e Ponte de Pedra. No contexto da construção das linhas telegráficas, eles se tornaram os principais

trabalhadores de Rondon que construiu duas escolas em seus territórios, uma em Ponte de Pedra e outra em Utiariti. O trabalho nas linhas telegráficas está relacionado ao esquecimento da língua materna e à predominância da língua portuguesa entre os *Waymare* e *Kaxiniti* na atualidade. Os *Kozarene* e os *Warere* são atualmente a população predominante da língua materna e podem representar aproximadamente 90% dos falantes tradicionais da língua dos Haliti-Paresí e são moradores da região do Chapadão dos Pareci. Os *Kawali* foram extintos.

1.3 Aspectos Culturais (festa, cantos, rituais)

Na atualidade, as festas ocorrem, principalmente, quando se celebram os rituais de passagem individual (nominação de crianças e moças púberes) e de um ritual de calendário, o da colheita da primeira safra de uma roça de mandioca. (COSTA, 1985)

Os Haliti-Paresí qualificam suas festas em grandes e pequenas. As festas grandes (*olóniti kalóre*) são aquelas que congregam várias aldeias. Para esse tipo de festa, os membros de todas as aldeias são convidados em potencial. As festas pequenas, ou “festinhas”, mobilizam, preferencialmente, os moradores de uma aldeia que, via de regra, convidam seus *ihinaiharé kaisereharé*, para juntos celebrarem a passagem de mais um ciclo de trabalho agrícola.

As grandes festas são comumente realizadas na fase intermediária do período seco, de maio a setembro, quando a roça de mandioca brava atinge um ponto ótimo de maturação. As festinhas ocorrem geralmente na passagem da estação chuvosa para a estação seca, nos meses de março e abril, quando há geralmente a primeira coleta de uma roça nova.

Nas grandes festas, as pessoas classificadas como *ihinaiharé kaisereharé*, moradores da aldeia anfitriã serão também os co-patrocinadores, uma vez que participam dos preparativos, notadamente, da caçada coletiva. Assim, as aldeias convidadas são aquelas classificadas como *ihinaiharé sékore*. Nas festinhas, por sua vez, não há uma nítida distinção entre patrocinadores e convidados, pois tanto os membros da aldeia anfitriã como seus *ihinaiharé kaisereharé*, que integram outros grupos locais, se reúnem para realizá-la.

Os convidados de uma festa são denominados “festeiros” (*olóniti hoaháre* – aquele que bebe chicha), e aquele que promove a festa é designado “dono da festa” (*harékahare*).

O momento dos preparativos para a festa é de muita alegria, pois é uma ocasião em que todos os moradores da aldeia trabalham lado a lado, capinando, colhendo mandioca brava para transformá-la em *olóniti*, fazendo beiju, na compra de fogos de artifício e confecção de cigarros, entre outras atividades coletivas. O dono da festa dirige-se às aldeias onde vivem

seus *ihinaiharé kaisereharé* para convidá-los a participar de uma caçada coletiva que terá a duração de 5 a 7 dias. Então um mensageiro é enviado para fazer o convite às pessoas de outras aldeias, que o recebem com muita alegria.

Ao chegarem à aldeia da festa os convidados são recebidos com chicha e cigarros e se dirigem a casa onde uma série de rituais será realizada, além de beberem *olóniti* e comer as carnes previamente preparadas. Ao escurecer, os homens se reúnem no pátio e começam a tocar flautas e fazer discursos de oferendas dirigidos a todos os presentes e às *Yámakas*, as grandes flautas que representam os espíritos dos ancestrais. Dançam, cantam e bebem, enquanto as mulheres e crianças ficam reclusas em suas casas, impossibilitadas de ver o que se passa do lado de fora, pois a elas é proibida a visão da *Yámaka*.

As festas tradicionais mais respeitadas na cultura são três: Flauta Sagrada, Flecha Sagrada e *Txihali*. Essas são valorizadas e se mantêm ainda forte em nossa cultura.

1.4 Situação (socio)linguística do povo Haliti-Paresí

A língua Paresí, da família Aruak, é falada em seus diferentes dialetos, de acordo com o subgrupo de pertencimento (*Wáymare*, *Kozárene*, *Kaxiniti* ou, *Warére* e *Káwali*), além da portuguesa, que é ensinada nas escolas bilíngues de ensino fundamental, localizadas nas aldeias. Há, no entanto, regiões em que o português é predominante. O subgrupo *Wáymare*, por exemplo, foi um dos que teve mais contato com os não índios. Quase esteve em extinção, devido ao contato e permanência na Missão Anchieta em Utiariti. Lá, eram proibidos de falar a língua materna e obrigados a casar com indígenas de outras etnias, como Rikbaktsa, Irantxe e Kayabi, e incentivados a realizar casamentos entre os subgrupos, perdendo, assim, o idioma tradicional.

Através de pesquisa linguística, observamos que foram encontradas variações linguísticas presentes nos subgrupos, por exemplo: os *Waymare* falam *maisa* (não), já os *Kozarene* falam *maiha* (não).

A situação de linguística na comunidade Paresi é assim: todos que moram na aldeia pertencente a um determinado grupo social dominam bem a língua materna, porque entre o grupo e na família a comunicação acontece só na língua materna. Então os moradores da aldeia são considerados falantes da língua materna. Todos os que moram na aldeia são falantes da língua materna, desde criança, adolescentes, jovens, adultos, idosos e idosas. A língua é cultura e identidade Paresi. A comunidade usa no seu dia a dia a língua materna. Somente quando chega o branco na aldeia ou quando vamos para a cidade e precisamos nos

comunicar com os brancos é que que falamos português. Na nossa comunidade não há diferença na língua tradicional, é uma só falada por velhos, jovens e crianças. Não corre o risco de deixar de ser falada porque ela é forte na nossa comunidade, porque falamos em nossa comunidade só a língua materna. Na escola, como ela é diferenciada, ensina-se português e na língua materna, mas professores indígenas pesquisam com anciões para trabalhar dentro da sala de aula com os alunos.

Os Paresi, desde a infância, aprendem dentro da sua casa, principalmente, com a mãe. No dia a dia, nos comunicamos com a nossa mãe e também aprendemos com nossa família e cada subgrupo o modo de falar. A segunda língua, o português, aprendemos na escola com professores.

Portanto, além de nossa língua materna, falamos português, uma língua adicional para nós, porque desde a colonização do Brasil, os colonos falavam em português e nós, povos indígenas, não entendíamos, mas com o tempo entendemos e aprendemos expressar na língua portuguesa.

Os falantes da língua portuguesa entre os Paresi são os que viveram ou vivem na cidade, e como também aqueles que estudaram e passaram muito tempo nas escolas urbanas. Nos dias de hoje, quase todos falam em língua portuguesa na aldeia, entre as relações sociais e no dia a dia. A expressão e comunicação na língua portuguesa acontecem dentro e fora da aldeia, porque a cultura é dinâmica e também por motivo de interculturalidade.

CAPÍTULO II – ARTESANATO PARESI

Figura 1 – Artesanato *Haliti-Paresí*



Fonte: Janaina Nenazokero, 2016

O artesanato está presente em vários aspectos da cultura Paresí: nas crenças, na religião, no modo de vida e no trabalho.

Desde a época dos nossos antepassados, até os dias de hoje, os Paresi praticam essa atividade com inteligência e habilidade. Com o passar do tempo, as formas de expressão e comunicação, assim como sua função e significado, foram sendo modificados, isso devido às transformações pelas quais passaram cada geração.

Para nós, um ancião que morre significa uma perda muito grande, pois os anciões são considerados uma biblioteca, onde os jovens sempre buscam conhecimento.

Para Naizokemae, a arte também marca a identidade étnica, isso significa que em cada sociedade indígena existem conhecimentos específicos daquele povo a respeito de certos

padrões e modalidades artísticas. Por isso, que a presença da arte é de extrema importância para os povos indígenas. (2005, p,16).

Antigamente todos sabiam fazer artesanato, aprendiam a confeccionar vários tipos de artesanatos. Através do *Ihiroware*, (um homem grande e muito alto, igual Deus e como nos) apareceram vários artesanatos como xiri, cinto, traje, xiriba, bracelete, peneira, cuia, pilão socado, entre outros. Algumas pessoas confeccionavam a sua arte, para praticar continuavam fazendo o que os ancestrais Paresi deixaram. A maioria dos homens e das mulheres faziam seus artesanatos, praticando o que eles aprenderam.

Antigamente, as mulheres não precisavam comprar fios para trançar, pois elas iam colher no mato como tucum e algodão para preparar o fio bem fininho, para tecer a rede e confeccionar outros artesanatos. Elas confeccionavam traje, tiara, brinco, colar, cinto e outros tipos de objetos. Já os homens confeccionavam espanador, cocar, xiri, peneira, entre outros. Também, a maioria dos homens confeccionam outros artesanatos de modo geral.

Além do uso no dia a dia, o nosso artesanato é uma opção de renda para o sustento de algumas famílias Paresi. Antigamente, porém, os artesanatos para eles eram confeccionados só para o uso. Hoje é diferente de antes, o povo confecciona os artesanatos para vender.

Hoje só anciões e alguns adultos sabem fazer nosso artesanato, por isso, é preciso registrar sobre esse conhecimento que tem grande valor cultural e indenitário para o nosso povo.

Atualmente os jovens Haliti-Paresí modernos não se preocupam com a sua cultura, porque eles não acompanham o ancião. Os jovens estão mais preocupados com a tecnologia do não índio, por isso, perde o valor, e cada valor ou elemento que perde não tem como recuperar. Através da educação escolar indígena estamos revitalizando, reconstruindo e incentivando os jovens para registrar e documentar para as novas gerações a história do nosso povo.

Antes de tratar sobre o tema específico desta pesquisa, importante falar um pouco da filosofia dos anciões sobre a transmissão de conhecimentos na sociedade Paresi.

2.1 Filosofia dos anciões Paresi sobre artesanato

De acordo com os anciões, para ser um conhecedor e multiplicador de conhecimentos, primeiramente, é preciso conhecer os nomes e significado dos desenhos dos artesanatos e, principalmente, entender todos os processos, regras e mecanismo de confecção.

Para não esquecer a cosmologia do simbólico ou mesmo para o aperfeiçoamento, devem sempre estar praticando a arte do *kohõ* (xiri), da mesma maneira que se pratica qualquer outro conhecimento, assim a revitalização ocorre constantemente.

Em suas histórias contadas para o povo, os anciões relatam que *Iheroware* foi o criador de todas as artes, por isso foi considerado o rei. Ele vivia aqui na terra como nós, não constituiu família. Em razão disso, antes de ir embora para o céu. Preocupou-se para escorar a terra e foi embora para o céu, preocupam com o povo, se preocupou e repassar tudo os seus conhecimentos adquiridos para os demais habitantes. O povo do *Iheroware* pediu para retorna na terra para continuar trabalha como antes. *Iheroware* disse para seu povo:

Se eu voltar na terra o mundo vai explodir, todo ser humano vai morrer. Por esse motivo, não posso mais viver com vocês.

Para ensinar os outros, ele fez a seguinte recomendação:

- Vou ensinar vocês, mas cada uma deve cumprir as minhas recomendações. Quando iniciarem a confecção de *omati* (fazer), pare somente ao terminar. Devem comer dentro do vasilhame confeccionado por vocês mesmos, se caso não cumprirem, vão esquecer tudo o que eu ensinei.

Muitos não deram importância ao que *iheware* falou, somente *kamaehiye* ouviu e cumpriu todas as orientações e recomendações de *iheware*. Por isso, *kamaehiye* passou a ser o único conhecedor de todos os artesanatos, dos grafismos e cantos de *omati* (fazer).

Antes de *Iheroware* ir embora, para o céu, disse:

- Somente *kamaehiye* aprendeu e cumpriu o que eu ensinei! Por isso ele ficará responsável por ensinar as gerações presentes e futuras.

Kamaehiye, por ser o ancestral *Waymare*, privilegiou ensinar primeiro para o seu grupo, deixando os demais subgrupos (*Kozárene*, *Enomaniyere*) para ensinar em segundo plano, à medida que os procuravam.

É por isso que os *Waymare* aprenderam a confeccionar todos os tipos de *omati* (fazer). Após obterem o conhecimento e domínio total da arte, passaram a ser multiplicadores, isso fez com que ficassem famosos entre os Haliti-Paresi.

A seguir, apresento o canto do *kohõ*, bastante praticado no dia da festa tradicional do nosso povo. O *kohõ* tem sua própria história e canto. Para aprender a confeccionar com mais facilidade, a pessoa deve conhecer a história e o canto que originou essa arte.

2.2 O canto do kohõ

Kohõ Tahi ezerane hare

Hezoaheta hautyakheta witso, atyô noihiheroware hã.ã.., zoare ako hehezoakitsa hezoakitsa- nona-..tyo hã.ã.. heyane hitxiyetenãe nali, kãmãehiye takita utya waomenatsehã, notxiyete notxi- tyoekoekatinya hã. ã.. nea.

Hezoheta waomahatsehã,ã, atyô zane, atyô noihiheroware hã.ã.. jiyane,jiyane notxiyete kãmãehiye takita atyo waomanetsehã notxiyete, notxi- tyoekatinyãe hã.nea.

Hezoaheta hautyakheta atyo, atyô noihiheroware hã.ã.., atyô noihiherowa hã.. zoare kakwa hezoakheta natyo, notxi tyakitsaka kahaka.., makutxi zacetetya ka.., nea

Os nossos antepassados utilizavam o *kohõ* para carregar objetos e alimentos, e só homens praticavam e faziam esse objeto, as mulheres não praticavam.

O *kohõ* serve para carregar todos os tipos de objetos e alimentos como: a mandioca, batata-doce, cará, abóbora, milho, peixe, carne, lenha, fruta e serve também para pegar o peixe.

Hoje ele é mais usado quando as pessoas fazem pescaria, colheita de frutas e carrega mandioca. Quem sabe fazer o *kohõ*, vende para parentes e amigos. No cotidiano, precisa-se muito deste cesto. Mas algumas vezes, as pessoas utilizam no lugar dele, saco de adubo, para carregar objetos e alimentos, entre outras coisas.

Figura 2 – Kohõ



Fonte: Edicléia Paresi, 2015

2.3 Matéria-prima utilizada para confecção do *kohõ*

Figura 3 – Urubamba



Fonte: Acervo da autora, 2016

Figura 4 – Caule de negrimina e barbante



Fonte: Acervo da autora, 2016

Existem dois tipos de *kohõ* e, para confeccioná-los, são usados os seguintes materiais: cipó e urubamba, galho de negramina de brejo e talo de buriti e fio de tucum para tecer. Os materiais utilizados são buriti e cipó, corta um pedaço de buriti e tirar a casca dele bem fina. O outro cesto é feito do cipó.

2.4 A confecção do *kohõ*

Somente os homens podem confeccionar o *kohõ*. O processo de confecção é da seguinte forma:

1º passo: primeiro momento coleta-se a matéria-prima: talo de buriti taquarinha e cipó (urubamba). Para fazer um *kohõ* de tamanho grande, ao menos, é preciso seis talos de buriti. Retirar o talo de buriti e o cipó urubamba. Tem casca dura e resistente, então é preciso retirar a casca e deixar somente o que mais dura. Por isso, na hora de confeccionar, demora um pouco. Esse cesto pode durar mais ou menos 1 ano, se for utilizado um cipó melhor.

Figura 5 – Selecionando o material para confecção do *kohõ*



Fonte: Acervo da autora, 2016

2º passo; segundo momento: afia-se a faca e retira a casca de talo de cipó de urubamba tem que ser limpo e bem fininho.

Figura 6 – retirando a casca de talo de cipó de Urubamba



Fonte: Acervo da autora, 2016

3º Passo: Para iniciar, pega o talo de cipó de urubamba bem fininho, enrola como círculo. Em cada lado, colocam-se seis talos de cipó urubamba.

Figura 7 – Iniciação do *kohõ*



Fonte: Acervo da autora, 2016

4º Passo: Pega uma linhagem de tucum ou barbante e faz um círculo como sol.

Figura 8 – Iniciando o trançado



Fonte: Edicléia Paresi 2015, aldeia Olohonya

5º Passo: Fazer um círculo, depois disso começa a enrolar na forma horizontal e diagonal.

Figura 9 – Dando forma ao *kohõ*



Fonte: Edicléia Paresi ,2015- Aldeia Olohonya

6º Passo: Antes de finalizar a trança, pegar negrimina fininha e dobrar em forma de círculo e colocar na beira da xiri. Para fazer o cesto tamanho grande leva aproximadamente nove horas.

Figura 10 – Finalizando o kohõ



Fonte: Acervo da autora, 2016

2.5 Os usos do kohõ

Figura 11 – Uso do kohõ para carregar massa de mandioca



Fonte: Acervo da autora, 2016

Figura 12 – Uso do *kohõ* para carregar alimentos



Fonte: Acervo da autora, 2016

Quando o *kohõ* estiver pronto, as mulheres podem utilizá-lo, principalmente, para carregar os objetos pessoais, alimentos, massa de mandioca, mandioca brava, ou seja, pode carregar todo tipo de alimentação. Também pode ser utilizado para guarda alimento e para carregar lenha. Geralmente ele é utilizado mais pelas mulheres. Além desses usos, pode ser utilizado na pesca do timbó e na coleta de frutos silvestres.

2.5.1 Na pescaria do timbó

Figura 13 – Preparando a pescaria de timbó



Fonte: Edicléia Paresi, 2016

Figura 14 – Uso do *kohõ* na pescaria do timbó



Fonte: Edicléia Paresi, 2015 (Aldeia Kotitiko)

As mulheres têm uma participação importante na pescaria de timbó (*aho*), um tipo de cipó que produz uma seiva que asfixia os peixes. Os homens coletam e enfeixam o cipó. Os peixes são macerados pelas mulheres até que escorra o seu suco. Em seguida, os homens fazem o represamento do rio, fixando no local os feixes de timbó. Nesse tipo de pescaria, participam todos os moradores de uma aldeia, sendo considerado um evento muito aprazível em que homens, mulheres e crianças, lado a lado, divertem-se pegando os peixinhos com o *kohõ*. Ele serve para carregar objetos e alimentos, além de produtos da pescaria que são consumidos coletivamente pelos membros de um mesmo grupo doméstico.

2.5.2 Na coleta de frutos silvestres

Os Haliti-Paresi iniciam coleta de frutos silvestres no mês de setembro e outubro vai até o mês de janeiro.

São coletados frutos silvestres, como: cajuzinhos, coco da bocaiúva, pitomba, abacaxi do mato, mandioca, mangaba, pequi, entre outros frutos nativos da região. A coleta de frutos silvestres é uma atividade marcadamente feminina na qual tem grande importância a cooperação infantil. Essa atividade se intensifica no período imediatamente posterior à seca, estendendo-se pela estação chuvosa, quando as mulheres e crianças da aldeia perambulam pelas redondezas à cata de frutos que são consumidos por todos os participantes.

Figura 15 – Kohõ utilizado na coleta de Cajuzinho e Fruta de Buriti



Fonte: Acervo da autora, 2016

No passado, as mulheres, quando chegavam à aldeia, distribuía as frutas coletadas aos parentes, principalmente, ao cacique. Hoje, dificilmente, acontece partilha na comunidade.

Antigamente os Haliti-Paresi levavam bastante xiri para vender na cidade, mas hoje não vendem xiri na cidade. Quando confeccionam o *kohõ*, vende para o próprio índio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos oportunizou novos conhecimentos e orientará na organização de informações básicas referentes à confecção do *kohõ*.

Por meio da pesquisa, adquirir novos conhecimentos, ampliaram-se as experiências teóricas e práticas, que auxiliarão a comunidade Paresi a reconstruir e reorganizar a estrutura da confecção do artesanato, respeitando a cultura e os valores da comunidade.

Esse trabalho poderá ser utilizado pelos professores para mostrar aos alunos quais matérias-primas são utilizadas para confecção do *kohõ*. É importante para escola e para a comunidade refletir sobre a educação escolar indígena, desenvolver ações futuras, de acordo com as necessidades dos anciões, reconstruindo os instrumentos na vida cotidiana, porque nossa preocupação é que os anciões de nossas comunidades estão morrendo e não temos os registros dessa história. Por isso é importante aproveitar que temos ainda dois anciões vivos, o senhor *João Arrezomae* (aldeia Kotitico), *Helena Ezokero* (aldeia Kalanaza), *Dito Anizokae*, (aldeia Cabeceira do Seringal) e *Joãozinho Kabi*, (aldeia Urubu) que sabem contar a história original do povo Paresí.

Hoje, com os valores da cultura do homem branco em nossa sociedade, temos a preocupação com a geração mais jovem e a vindoura, tendo em vista que não dão valor para essa prática cultural de nosso povo. Por isso, nós buscamos aqui, fazer um registro de parte dessa história, através da oralidade, usando recurso audiovisual para gravar a fala dos velhos anciões, bem como, filmar todos esses momentos. Essas histórias contadas pelos anciões acontecem naturalmente, eles entram nas *hati*, sentam na rede e vão contando a história na oralidade, para ser gravada em nossa mente.

No entanto, hoje nem todos os jovens tem tempo e interesse para ouvir os anciões e, com isso, os mais velhos das aldeias reclama muito porque os jovens não querem aprender sobre a cultura dos antigos. Por isso, buscamos essa alternativa de atrair os jovens e crianças com material audiovisual, para despertar o interesse deles em aprender nossa história. Na verdade, essa iniciativa de gravar e filmar nossa história é uma iniciativa nova.

Este trabalho é importante para meu povo e espero que sirva de fonte de pesquisa para as novas gerações e como fortalecimento da nossa cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Romana Maria Ramos, 1985 – Dissertação de Mestrado/ MATO GROSSO / SEDUC. Urucum, Jenipapo e Giz: a educação escolar indígena em debate. Cuiabá: Estrelinhas, 1997, p.178.

MC / SEF. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC / SEF. 1998,p,53 a 86.

MC / SEF. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC / SEF. 1998,p,53 a 86.

NAIZOKEMAE, Pedro. Arte Paresi. Cultura e sociedade. V. 2. Barra do Bugres: Unemat, 2005, p.16).

NEZOKEMAZOKAE, Salomão. Casamento Paresi. Cultura e sociedade. Monografia. Barra do Bugres/ MT. Unemat. 2005.

CONSULTORES NATIVOS

Dito Nizokãe

Helena Ezokero

João Arrezomãe

Joãozinho Akonozokãe

ANEXOS

ANEXO A – CARTA AO LEITOR

Meu nome é Edicléia Paresi, nasci na aldeia Kotitiko, eu tive junto com a minha mãe, e meu pai morando com minha família numa casa, meus avós paternos Tito Irantxe e Dadi Zanaizokerô, e meus avós materno e cacique geral João Arrezomae, a esposa e Anita Zamaiwaero já falecida, no ano 2014. Desde a minha a infância começava estudava onde nos morava quando tinha 08 anos de idade, meus pais mudar outras aldeias abrir a nova aldeia, mudamos no ano meio letivo não tem como ir com eles. Resolver morando com minha vizinha ficou dois anos, termino o quinto ano e voltado morando com meu pais, depois 14 anos de idade, estudava na cidade morando com a minha prima na casa deles, não tenha experiência naquele tempo não entender a língua portuguesa, por isso passe muita dificuldade com ele, passe alguns dia com fome, me xingado ficou muito sofrida, sempre chore e saí minha lagrima, este tempo não termino o meu estudo desistiu no meio do ano e volte a minha aldeia ficou parado um ano, após a escola funcionava na aldeia Rio Verde, Escola Municipal Zozoiterô, estudava lá mesmo morado na casa do meu avó, com as minhas tia e meus tios, termino séries iniciais passe ensino médio, volte na cidade começava estudar ficou um ano mas este ano reprove porque por causa do falta. E volte a aldeia para estudar no ensino médio da escola Estadual “Malamalali”, término do ensino médio em 2010, depois fazia vestibular passe não esperava, meu sonho era ser fazer a enfermagem, eu goste de fazer isso porque meu pai trabalhava com a gente saúde depois passe no vestibular mude a sugestão ser professora bom trabalha com meu povo, amo meu trabalho. Hoje passe muita dificuldade realizar meu sonho pensado fazer a especialização que sabe um dia fazer mestrado. Estudo e trabalho não é fácil para mim, o quem sonho para pensar o futuramente para seu povo para ajudar caminho certo como abrir a porta livre, todo amor com carinho para atender a sua comunidade do meu povo. Importante segui meu estudo o que aprendemos repassar alguma informação do meu povo e reconstruir novos conhecimentos buscar novas tecnologia de informação. Isso muito satisfeita com meu estudo espero continuidade com meu estudo da área de linguagem e aprofundar ao mas.